



EDITORIAL

ESPINHO E O JOGO

Quando há tempos abordámos o problema do Jogo em Espinho e noticiámos o concurso para a exploração da sua Zona, limitamo-nos, praticamente, a esboçar de maneira vaga os anseios dos espinhenses e a formular votos no sentido de que viesse a ser aceite a proposta que melhor servisse os interesses da nossa terra.

Tencionávamos ficar por aí. A circunstância de sermos accionista da Solverde e um dos animadores da sua constituição, precisamente para concorrer ao Casino de Espinho, levou-nos a hesitar sobre se devíamos tratar deste tema, pelo receio de que se dissesse ou pensasse que o fazíamos para defender interesses nossos ou da referida sociedade. Meditados todos os aspectos, a hesitação foi vencida.

A posição económica que temos na Solverde constitui uma gota de água, insusceptível de se prestar a equívocos de qualquer espécie. Entramos, fizemo-nos eco da utilidade urgente da sua criação e da necessidade, mais urgente ainda, da sua actuação dinâmica, para que os espinhenses passassem a intervir activa e decisivamente nas questões que há dezenas de anos constituíam motivo

das suas principais conversas e dos seus lamentos e para que, dessa forma, com a sua intervenção séria, pudessem clamar alto que desta vez se encontrariam presentes.

Por outro lado, o problema da exploração da zona de jogo de Espinho começa a apaixonar a opinião pública espinhense e é importante demais para poder ser silenciado no momento que se atravessa.

Por último, e para vencer a nossa hesitação, bastou a intenção que tem pautado a nossa conduta: temos actuado sempre como espinhense, movido pelo desejo de prestar um contributo sério, escrevemos para pessoas de bem, que queiram e possam fazer dos problemas postos uma análise objectiva, e com os nossos escritos movemo-nos pelos trilhos que todos, naturais e residentes em Espinho, voltados aos seus anseios, desejamos ver defendidos.

Por tudo isso aqui estamos, falando em nosso nome pessoal, mas traduzindo ou, pelo menos, julgando traduzir aquilo que tem sido e continua a ser o pensamento dos espinhenses interessados pelos problemas da sua terra e o modo como encaram a questão da sua Zona de Jogo.

Nada nos move contra os eventuais concorrentes — que nem sequer sabemos quem sejam. Mas não podemos deixar de alertá-los a todos, e a quem tem de decidir, sobre qual a posição de justificada expectativa em que vivem os espinhenses relativamente ao novo Concurso para a exploração do Casino de Espinho.

Quem ler atentamente o Decreto n.º 14 643, de 13 de Dezembro de 1927, que estabeleceu as condições essenciais em que veio a basear-se a adjudicação do exclusivo da Zona de Jogo de Espinho, desde 1928 a 1958, e procurar em Espinho onde se encontram realizadas as condições inicialmente previstas para essa concessão não as encontra e depressa passa a compreender a polémica quase feroz que cedo se criou entre Espinho e a concessionária — a Empresa Espinho-Praia: em vez de um Casino que honraria Espinho e o País e de muitas outras obrigações que a lei estabelecia, aproveitou-se um velho pardieiro, tapou-se toda a série de maleitas com maciças doses

(Continua na página 2)

FIM DE SEMANA

— 15

1. Já poderá talvez tentar fazer-se o ponto da época banhar de 73, e investigar-se e apontar-se carências verificadas que prejudicam Espinho como praia, como estância de turismo.

Deter-nos-emos somente nas que se afiguram de maior relevo, até porque muitas (e estas mesmas) têm sido abundantemente tratadas neste jornal.

2. Em primeiro lugar vem o avanço progressivo do mar que reduz a praia. Disso não tem culpa a cidade; mas cumpre-lhe suprir a carência dentro do possível.

Sempre o mar foi costumeiro em, no inverno, visitar a esplanada, passear-se por ela, remover calhaus dos paredões para o areal, assorear a praia, etc.; mas, chegada a época banhar, arredava-se para o seu covil, e oferecia, amável, o areal aos veraneantes.

Mas, desta vez, veio como de uso e ficou mesmo.

A sul da piscina não há praia; apenas umas ilhotas de barracas em cima umas das outras, frequentemente de saias arregaçadas para que o mar, ao varrê-las, não molhe os panos; só muito lá para o sul, nos confins da vila, misturada com a praia do pescado, se instalou em condições um pouco melhores uma praiasinha — a do S. Pedro.

Pelo que se ouve, não é fácil a extensão da praia para sul; o caminho indicado parece ser o do norte, como se está a fazer.

Mas não basta prolongar a praia: é preciso facilitar-lhe o acesso e possivelmente dotá-la de meios de transporte colectivo.

Salvo que o mar mude de ideias e volte à forma antiga, outro caminho não restará a Espinho.

(Continua na pág. 2)

ESCLARECENDO A C. P.

No passado dia 16 de Agosto, «O COMERCIO DO PORTO», publicou um meu arrazoado subordinado ao título «DESPACHO MINISTERIAL NÃO «OBRIGARÁ» A C.P.»? — que mereceu a honra de ser transcrito na «DEFESA DE ESPINHO» do último sábado.

Até aqui tudo banal e nada mais de momento se justificaria acrescentar, não fora uma amena conversa com o Dr. Nunes dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Espinho, na qual, entre outros assuntos, veio à baila a questão caminhos de ferro e, então, após referirmos o «statu quo» Espinho-C.P., me dizer aquele muito prezado e ilustre amigo que havia recebido um telefonema do eng. Francisco Bernardo, engenheiro-chefe da Zona Norte, a indagar o texto do «Despacho do senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações», o que equivaleu a confessar o seu desconhecimento.

Em face disto, tivemos de concluir que o meu escrito já atingira o alvo, mas que, por outro lado, os maiores da C.P. tinham reservas quanto ao referido despacho.

Primeiramente, o assunto era muito grave para ser tratado de ânimo leve, Portanto, recapitulando, vamos esclarecer a Administração da C.P. da sequência dos elementos que nos levaram a fazer aquele escrito e de que não pode haver dúvidas quanto ao referido despacho. Aliás a C.P., se é que ainda o não tem, sabe muito bem onde encontrá-lo, para isso tem um Serviço de Relações Públicas, etc., etc., mas caso contrário que procure na Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, que é para onde transitam os despachos ministeriais, que equivalem a ordens superiores de serviço, respeitantes a assuntos rodoviários e quejandos. A esta entidade compete depois notificar a Administração da C.P. Só decretos e portarias são publicados no «Diário do Governo».

Mas, recapitulando:

1.º — Em 1 de Julho p.p., o Dr. César Moreira Baptista, Secretário de Estado da Informação e Turismo, ao presidir ao banquete com que finalizaram os festejos comemorativos da elevação de

(Continua na pág. 2)

AS FESTAS D'AJUDA (15 a 17-9) E AS OPINIÕES DOS SEUS MENTORES

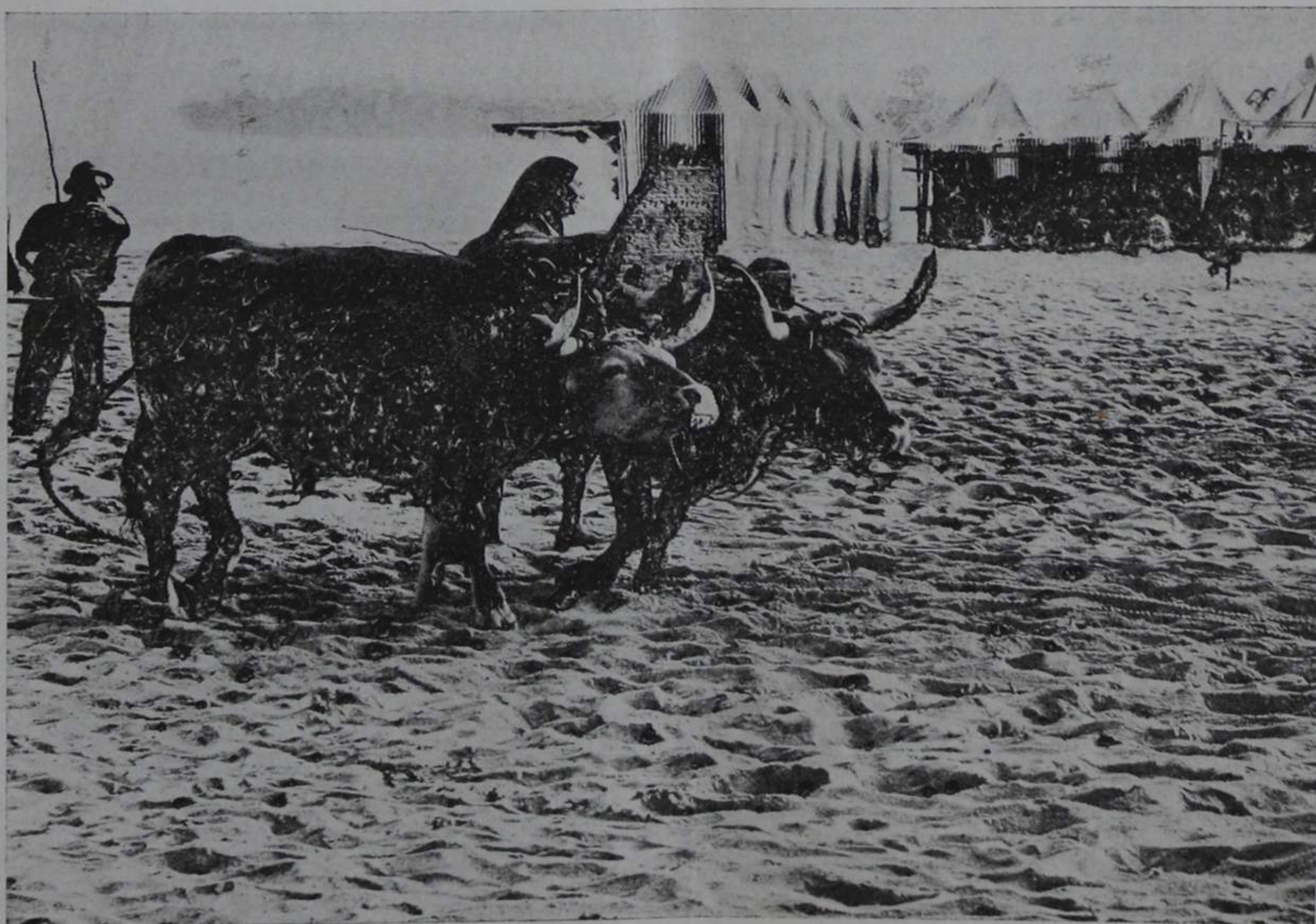
Uns gostam, outros não. O certo, porém, é que os festejos populares continuam a agradar às grandes massas, constituindo vigoroso pólo de atracção para as terras que as têm dentro de portas. Daí que, naturalmente, as que são tradicionais se mantenham e permaneçam como cartaz berrante de propaganda anual, embora, como é lógico, se torne essencial actualizá-las consoante a hora da época que passa, sem lhes retirar o cunho próprio, porém evitando que caiam na festarola-arraial-de-barracas, sem motivações de interesse ou incapaz de ter pontos de agrado para uma maioria.

Este ano as tradicionais Festas da N.ª S.ª da Ajuda, que pela primeira vez vão acontecer nesta cidade, apercebemos sobre a organização do meritório Centro de Assistência Social de Espinho, que, como nos disse o sr. José de Almeida (JÓ), «chamou a si a organi-

zação dos festejos, por ideia do sr. Fernando Meneses e apoio de uma Comissão de Espinhenses, associados da Instituição, que, como não houvesse ninguém para os promover, resolveu chamar a si o encargo, na expectativa de que fazer algo consentâneo com as responsabilidades de Espinho-Cidade e, se possível, extrair ainda algum produto material, capaz de ajudar o Centro na obra de assistência social a que se dedica».

Mas, claro, para tudo é preciso o vil metal e quando formulámos a pergunta como angariavam verbas para levar a efeito o evento, foi-nos explicado: «Está-se a fazer um peditório ao nível da cidade, estendendo-o a particulares e, portanto, não o limitando, como até aqui, apenas ao comércio e indústria. Esse peditório faz-se por quarteirões,

(Continua na pág. 7)



O TRABALHO E O REPOUSO

Foto de António R. da Fonseca

MELHOR TRABALHO Sobre a Praia de Espinho (Preto e branco)

DO I SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA DE ESPINHO

EDITORIAL

ESPINHO E O JOGO

Continuação da página 1

de cimento e dotou-se o Estado do Casino que toda a gente conhece; do mesmo modo, destruiu-se um hotel razoável — o Hotel Bragança — de antiga mas requintada arquitectura, e fez-se em seu lugar um monstruoso bloco cubista, exemplo ímpar de mau gosto, que agora revela toda a sua fragilidade e podridão, apresentando-se como absolutamente inaproveitável. Como se isto não bastasse, findos os trinta anos, a Empresa Espinho-Praia, como lhe não fosse atribuída a nova concessão, amouu, leiloou o recheio do hotel para evitar a sua expropriação, depois de ter recusado todas as negociações para o manter aberto, e fechou-o completamente, privando Espinho do Hotel até aos dias de hoje. E acabou. Em trinta anos, eis o que Espinho lucrou com essa concessão.

Em 1958 foi posta de novo a Concurso a Zona de Jogo. Esboça-se, então, um movimento espinhense, desarticulado e fracassado por falta de espinha dorsal, e a concessão veio a ser atribuída, por dez anos, à Sociedade Turismo de Espinho, que, como a sua antecessora, usava na denominação o nome pomposo de Espinho, mas que era, como ela, uma concorrente comercial. Manda a verdade que se diga que esta empresa construiu um Hotel que a honra e nos honra, fazendo mais em dez anos do que a anterior em trinta. Mas a mesma verdade impõe também que se não cale o modo quase fúnebre como a sua administração foi feita, revelado até nos resultados, e com repercussões que sentimos ainda.

Em seguida, em 1968, novo concurso foi aberto, então pelo período de cinco anos apenas, a pretexto de se proceder a estudos definitivos para uma concessão a longo prazo. Este concurso veio a ser adjudicado à actual concessionária, empresa que se não rotulou de defensora dos interesses de Espinho — valha a verdade — e que, fazendo a sua exploração em bases comerciais, tem cumprido e naturalmente excedido as suas escassas obrigações contratuais, mas que nada deixará a assinalar a sua passagem por Espinho, como Empresa exploradora de um dos mais lucrativos negócios que temos dentro das nossas portas. Perdão, pelo lapso que acabamos de cometer: a Empresa fez obras no edifício do Casino; mas obras que os espinhenses nunca compreenderam, por todos pensarem que em novo Concurso, a realizar a curto prazo, seria indispensável obrigar os concorrentes a construir um Novo e Monumental Casino, e por se recusarem a admitir que, chegado esse novo concurso, o actual edifício, com as obras realizadas ou mesmo com outras de maior vulto, pudesse ficar de pé. Entendiam os espinhenses que não somos um País tão rico que possa dar-se ao luxo de gastar milhares de contos num pardieiro que devia ser demolido três ou quatro anos depois e que bem melhor teria sido obrigar-se a concessionária a entrar com o dinheiro para o Estado ou, pelo menos, com algum dele para uma obra válida, das muitas de que a nossa terra precisa.

Como resulta do exposto, não censuramos ninguém, nem mesmo as concessionárias; lamentamos, isso sim, o condicionalismo que as favoreceu e a situação a que se sujeitou Espinho durante mais de quarenta anos, situação que reduziu a nossa terra à penúria que todos reconhecemos no plano turístico.

Foi nesta ideia, perante estas realidades, publicamente conhecidas e lamentadas, que surgiu o movimento da criação da Solverde, a dar-nos exemplos magníficos de inexcedível amor bairrista e da fé incontível que, apesar de tudo, se deposita nos destinos futuros da nossa terra.

Espinho fez-se, desde o seu aparecimento como lugar e, depois, como freguesia, uma praia de renome internacional, um centro turístico de inestimável valor. E, não obstante todos os erros cometidos, continua a crescer como Centro turístico, um Centro que muitas entidades responsáveis não sentem nem vêem, porque surgiu e tem crescido sempre sem ajudas de qualquer espécie, como a erva campestre.

Zona de Turismo de projecção Internacional, apesar do desinteresse e do abandono a que tem sido votada, Zona de Jogo existente e afamada antes da Regulação e por lei assim reconhecida, Espinho sofreu nos últimos quarenta anos as consequências de se terem aproveitado as suas potencialidades, sem nada praticamente se lhe dar em troca.

E chegou o momento em que os espinhenses compreenderam não terem o direito de censurar as anteriores concessionárias nem qualquer outra entidade. Culpados, reconheceu-se, foram os próprios espinhenses, que atrás de todos os anos nada fizeram para alterar o condicionalismo existente e tentar, pelo menos, aproveitar em benefício da terra todas as vantagens da situação privilegiada de que goza.

Espinho precisa de um Novo e grandioso Casino, construído no lugar do existente, mas ampliado com o quarteirão que lhe fica a poente; Espinho precisa de manter o Casino nesse local, verdadeiro centro turístico de toda a nossa região, mas de imprimir a toda essa zona um desanuiamento compatível com a grandiosidade que se impõe; Espinho precisa de muito mais: do aproveitamento turístico de todas as suas potencialidades — que inúmeras são — e de ser dotada das infra-estruturas e estruturas que deixaram de fazer-se nos últimos quarenta anos.

O atraso é de dezenas de anos, mas não há tempo a perder, urgindo recuperá-lo no mais curto espaço de tempo possível. E isto, saliente-se, não pode conseguir-se com explorações oportunistas nem com explorações de mero fim comercial.

Foi compreendendo tudo isto, finalmente alertados, que, em oito dias apenas, se reuniram à volta destes princípios, duzentos e noventa e sete espinhenses — e não mais porque o movimento foi rápido e a constituição teve de fazer-se em escassos dias para se resolver o problema de uma praça de touros para Espinho — e se criou a Solverde, inteiramente voltada ao futuro de Espinho, para concorrer à nova concessão e apresentar as suas condições.

A seguir, em 4 de Julho último, foi publicado o Decreto n.º 334/73, diploma que estabeleceu as condições do Concurso, merecedor de todos os elogios, porque se não contenta com vagas promessas, exige propostas concretas, impõe a construção do Casino nas condições que todos os espinhenses ansiavam e os interesses de Espinho exigem, isto é, no local do existente, ampliado com o quarteirão existente a poente do actual edifício e com a grandiosidade ambicionada, de valor mínimo não inferior a cinquenta mil contos, estabelece outras condições mínimas e convida os concorrentes a concretizar de modo preciso, com indicação de valores e apresentação de esboços, o que mais se propõem levar a efeito. Nesta parte final se encontram depositadas todas as grandes esperanças dos espinhenses. Através dela, na verdade, pode e deve ser feita a grande recuperação que os interesses de Espinho impõem e todos os espinhenses desejam.

Decorre até meados de Outubro o prazo para os concorrentes apresentarem as suas propostas. Surgirão, naturalmente, candidatos sérios, candidatos meramente comerciais e candidatos oportunistas: haverá de tudo, como na farmácia.

Mas se a Administração da Solverde puser em prática os princípios que nortearam a sua constituição, a concessão só irá parar a representação diferente se essa representação apresentar melhores condições do que aquelas que Espinho vai propor. E isso bastará para justificar a criação da Solverde e a posição que em defesa de Espinho vai assumir.

Repetimos: que ganhe o concorrente que, satisfazendo as condições gerais, melhor encare e satisfaça os anseios de Espinho.

Desta vez, Espinho estará presente, para dizer a sua palavra.

AMADEU MORAIS

Motorista

Para camião de 3500 quilos
precisa-se na Rua 18 n.º 808

ESPINHO



SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

ESCLARECENDO A C. P.

(Continuação da pág. 1)

Espinho à categoria de Cidade, afirmou: «Todos sabemos como a burocracia da C.P. é complicada e demorada. Mas no novo contrato entre a C.P. e o Estado tudo se vai processar de forma diferente. Para já posso informar-vos que vai sair o despacho do Ministério das Obras Públicas e Comunicações ordenando a demolição do inestético barracão e cais defronte ao Hotel Praia-golfe e tudo o mais que está projectado e aprovado».

2.º — Em 15 de Julho o Dr. Francisco Vale Guimarães, governador civil de Aveiro, informou telefonicamente o Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Espinho, de que o senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações havia dado despacho em 9 de Julho, com carácter urgente, para que fosse dado andamento às obras projectadas e aprovadas pela C.P., afinal a confirmação do que o senhor Secretário de Estado da Informação e Turismo havia referido.

3.º — No passado dia 15 de Julho, num encontro fortuito entre o Dr. Vale Guimarães, governador civil de Aveiro e o Dr. Amadeu Moraes, director da

DEFESA DE ESPINHO, em cordial conversa, foi este também informado, de viva voz portanto, que pelo despacho a que nos referimos de 9 de Julho fora não só ordenada a execução das obras projectadas pela C.P., tais como, mudança da estação de passageiros, demolição do cais existente em frente ao Hotel Praia-golfe e a transferência de todas as operações de manobras, cargas e descargas para a zona da estação de Espinho-Vouga, com a garantia de que as obras iriam começar-se imediatamente.

Só mais isto: o senhor governador civil de Aveiro autorizou fossem tornadas públicas estas suas declarações.

Em face, pois, do exposto não temos a mais pequena dúvida em afirmar que o despacho foi dado em 9 de Julho e que o seu teor corresponde ao que acima dissemos.

Por ora é só. Mas voltaremos ao assunto tantas vezes quantas necessárias até que se concretizem estas e outras obras de que a nossa Cidade tanto carece.

VIRGÍLIO LACERDA

FIM DE SEMANA . 15

(Continuação da pág. 1)

3. O estado da praia deste ano forçou à invasão de frequentadores avulsos, de toldos ou de ar livre, que se estendiam por todo o litoral e agora que se concentram na Praia Azul, tornando-lhe o areal uma feira.

Ouvimos um responsável informar a dona dum desses toldos ambulantes que deverá manter o abrigo sempre à distância máxima de dez metros da orla do mar.

Pondo de parte o impraticável da determinação (era ver o pobre veraneante todo o dia de fita métrica em punho a medir a distância do mar ao toldo e sempre a mudá-lo uns centímetros para trás e para diante), parece que ela teve em vista proteger na sua tranquilidade os habitantes das barracas paralelas ao mar, garantindo-lhes um espaço livre; e os ocupantes das barracas verticais ao mar? Não são também filhos de Deus? Não pagaram alugueis como os outros? Esses podem ficar afogados, como ficam, pela vaga dos avulsos.

Sem dúvida toda essa gente tem direito a gozar o areal.

Sem dúvida Espinho precisa de que toda essa gente lhe venha gozar o areal.

Mas há a considerar aquele instinto burguês enraizado em todos nós de exclusivismo que faz com que quem aluga barraca e a paga, exija estar à vontade, com espaços livres diante de si, não consentindo que qualquer um invada o seu feudo. Esses não se compadecem com o arraial dos que se espalham pelo areal e lhes perturbam a comodidade a que se julgam com direito.

E Espinho também precisa desses. Talvez o problema se resolvesse desviando os frequentadores avulsos para o norte da Praia da Seca, para aquela vasta e apetitosa enseada que se vai perder nos areais da Granja, onde hoje, aliás, já pululam barracas particulares, toldos e frequentadores avulsos. Assim se sentiriam mais à vontade todos.

É evidente que esta solução importaria a garantia de meios de acesso e, voltamos ao que dissemos, de transportes colectivos, se não gratuitos, por um custo mínimo. Nisto de turismo é preciso semear para colher.

Por hoje, bonda de fazer balanço a carências. Voltaremos a elas mais adiante.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

AVISO

Nos termos do § 1.º do artigo 28.º e para os efeitos do artigo 29.º do Código Administrativo, é convocada uma sessão ordinária do Conselho Municipal para o dia 14 do corrente, pelas 15 horas, que terá lugar na Sala das Reuniões da Câmara Municipal e se destina à apreciação e aprovação dos seguintes assuntos:

- a) — Deliberação Municipal extinguindo um lugar do Quadro do seu pessoal auxiliar assalariado;
- b) — Discussão e votação do Plano de Actividade e Bases do Orçamento para 1974.

Espinho e Paços do Concelho, 5 de Setembro de 1973.

O Vice-Presidente em exercício,
Manuel de Oliveira Violas

notícias da cidade

NOTÍCIAS PESSOAIS

— Após a sua temporada de veraneio nesta Praia, seguiu na semana finda para Viseu com sua Exma. Família, o ilustre prof. Reinaldo Cardoso Correia de Almeida, conceituado Subdirector e Administrador do nosso confrade «Jornal de Viseu», e bom amigo de Espinho.

— Regressou da Inglaterra, após viagem de recreio, com sua Esposa, o nosso estimado assinante sr. Eng. José Alberto Pinto Correia.

— Com sua Exma. Família, regressou de Espanha após a sua temporada de férias naquele país, o nosso prezado assinante sr. Arístides da Silva Matos.

— Para as termas do Gerês, seguiu na semana finda, o nosso estimado assinante sr. António Coelho Relvas.

— Para Vidago, seguiu com sua Esposa o sr. José de Sousa Marques, conceituado comerciante nesta Cidade.

— A fim de fazer o costumado tratamento, partiu na semana finda para as termas de Monfortinho com sua Esposa, o sr. Fausto Tavares Martins.

— De Londres regressou acompanhado de sua esposa, o nosso assinante e amigo Dr. Ferreira de Campos, ilustre advogado desta cidade.

Agradecimento

HILÁRIO FERNANDO

Seus filhos, genro, nora, netos, irmãos e demais família veem por este meio agradecer a todos que de qualquer modo testemunharam o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto, bem assim a sua presença no funeral e missa do 7.º dia.

ROUBO DE AUTOMÓVEL

— Em 1-9-73, na P.S.P. desta Cidade, queixou-se contra desconhecidos, José Pedro de Sá Morais Marques, residente em Carnaxide-Oeiras, Célula 13-Bloco 6-Lote A-2.º andar esq., acusando-os de lhe terem furtado a viatura BC-51-35, que tinha estacionada na Rua 18, nesta cidade. No interior tinha vária documentação, inclusive, a referente ao veículo. Com a documentação, o veículo circula legalmente e o autor ou autores também mais tranquilos. Todo o condutor ao abandonar a viatura que estaciona deve evitar que na mesma fiquem os documentos para assim permitir aos agentes de fiscalização mais rápida acção na descoberta dos autores de furtos.

...E A BICICLETA FOI-SE...

— Em 1-9-73, queixou-se na P.S.P. desta Cidade, Ramiro Vinheiras dos Santos, residente no Monte Lírio-Espinho, contra desconhecidos, de lhe terem furtado o seu velocípede simples 1ESP-66-56, que tinha estacionado na Rua 62, também nesta cidade.

...OUTRO AUTOMÓVEL...

— Em 4-9-73, queixou-se na P.S.P. desta Cidade, José dos Santos Ferreira, residente na Rua 14, n.º 1192-Espinho, contra incertos, de lhe terem furtado o seu autoligeiro AI-66-71, que tinha estacionado junto à sua residência.

INCÊNDIO NUMA VIATURA

— Em 2-9-73, pelas 12,45 h., na Rua 62, próximo ao Posto da P.V.T., manifestou-se na viatura ligeira ID-58-14, conduzida pelo seu proprietário, sr. Antero Borges, residente na Rua Dr. Alfredo Magalhães, 101-2.º-Esq.-Porto, um incêndio originado por curto-circuito na instalação eléctrica, causando-lhe danos.

INTERDIÇÃO DE TRÁNSITO

«AVISA-SE O PÚBLICO DE QUE NO DIA 11 DE SETEMBRO DE 1973 SE ENCONTRA INTERDITO O TRÁNSITO NA PASSAGEM TRAÇADA JUNTO À VEDAÇÃO DO QUARTEL DO GRUPO DE ARTILHARIA CONTRA AERONAVES N.º 3, NA FREGUESIA DE PARAMOS E CONCELHO DE ESPINHO».

PROGRAMA DAS FESTAS

SÁBADO, 15

9 horas — Início das Festas com uma salva de morteiros.

18 horas — Entrada das Bandas de Música dos B. V. de Espinho e da P.S.P. do Porto.

21,30 horas — Concertos.

24 horas — Sessão de Fogo de Artificio.

DOMINGO, 16

10 horas — Entrada das Bandas de Música dos B. V. de Espinho e da Carris do Porto.

15 horas — Concertos.

17 horas — Majestosa Procissão com a «Bênção do Mar».

21,30 horas — Concertos.

24 horas — Sessão de Fogo de Artificio.

SEGUNDA-FEIRA, 17

FEIRA DAS CEBOLAS

18 horas — Entrada das Bandas de Música de Paramos e da Junqueira (Vale de Cambra).

21,30 horas — Concertos.

24 horas — Sessão de Fogo Preso.

Tríduo de Pregação nos dias 13, 14 e 15

PIANISTA ROMENO EM ESPINHO

Pelas 22 horas de hoje, no Hotel Praiagolfe, numa realização da Academia de Música de Espinho, patrocinada pela Comissão Municipal de Turismo, e integrado no X Festival de Música, haverá um concerto pelo pianista Theodor Paraskivefcu. Dado o renome internacional deste executante romeno, os melómanos espinhenses terão mais um serão musical de excelente qualidade.

III CONCURSO DE LANÇAMENTO DO BALÃO

Pelas 11 horas de amanhã, realiza-se este concurso para crianças, integrado nas Festas de Verão e organizado pelo Sp. de Espinho.

Esta prova de lançar para o ar balões multicoloridos não tem qualquer dificuldade e servirá não para apurar o melhor «piloto» mas sim para distinguir os mais afortunados, que terão à sua espera os prémios: 2 bicicletas, 3 triciclos, uma máquina fotográfica, etc.

Os nossos aplausos para iniciativas deste género, dedicadas às crianças, que bem precisam de não ser esquecidas ou pouco lembradas.

DO VELÓRIO À NOGUEIRA

Abriu os olhos. A sua volta velas a assinalar-lhe a morte. Isto em Guetim, no lugar da Igreja, há meses. Afinal o sr. Custódio Moreira da Rocha, de 45 anos, papeleiro de ofício estava vivo. A doença súbita que o atacara não tinha sido fatal como os seus tinham julgado. Mas a sorte voltou a ser madrastra. Subiu a uma nogueira para colher-lhe os frutos. Desequilibrou-se e caiu a um ribeiro. A ambulância dos Bombeiros levou-o ao Hospital de Espinho, onde ficará por uns tempos a solidificar o osso de uma coxa.

Passa-se EM ESPINHO

Casa de pasto «BARRACÃO»
Junto à feira semanal

Contactar pelo telef. 920667

Agenda

FARMÁCIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMÁCIA HIGIENE, RUA 19 — TELEF. 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 8 — *Johnny Hamlet*, com Andrea Giordana e Gilbert Roland — 18 anos.

Amanhã, domingo, 9 — *Vamos ter sarilho*, com Lee Van Cleef e Gina Lollobrigida — 18 anos.

Segunda-feira, 10 — *Dois irmãos num lugar chamado Trinitá*, com Richard Harrison e Ana Sinneman — 14 anos.

Terça-feira, 11 — *Sartana no vale dos abutres*, com Waide Preston e Pamela Tudor — 10 anos.

Quarta-feira, 12 — *Ontem, hoje e amanhã*, com Sophia Loren e Marcello Mastroianni — 18 anos.

Quinta-feira, 13 — *Um tiro pela culatra*, com Nino Manfredi e Jason Robards — 18 anos.

Sexta-feira, 14 — *A espera de julgamento*, com Alberto Sordi e Elga Anderson — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 8 — *Gringo não perdoa*, com Montgomery Wood e Sophie Daumier — 10 anos.

Amanhã, domingo, 9 — *Não desejarás a mulher do Delicadinho*, com Alfredo Landa e Ira de Furstemberg — 18 anos.

As 18,30 h., sessão infantil com «*Marcelino, Pão e Vinho*».

Segunda-feira, 10 — *Aquela sexta-feira...*, com Ursula Andress e Stanley Baker — 14 anos.

Terça-feira, 11 — *O Baile dos bombeiros*, de Milos Forman — 18 anos.

Quarta-feira, 12 — *Os intocáveis*, com John Cassavetes e Britt Ekland — 18 anos.

Quinta-feira, 13 — *Limonada Joe*, com Karel Fiala e Olga Schoberova — 14 anos.

Sexta-feira, 14 — *O forasteiro inventível*, com Gianni Garko e William Berger — 14 anos.

LEILÃO DE PENHORES

A Caixa de Crédito de Sebastião de Oliveira e Silva, com sede na Rua Trinta e Sete, 410, em Espinho, nos termos da lei, avisa os Srs. Mutuários de que das 10 às 12, das 14 às 19 e das 21 às 24 horas do dia 24 de Outubro de 1973, se procederá na morada acima, ao leilão de todos os penhores dos contratos que se mostrem com atraso de, pelo menos, três meses de juros.

O Proprietário

Sebastião d'Oliveira e Silva

ESPINHO 1973
SET
15.16.17



X FESTIVAL DE MÚSICA (VERÃO 1973)

10.º CONCERTO — 6.ª-feira, 14 de Setembro — às 22 horas

HOTEL PRAIAGOLFE

Orquestra de Câmara do Porto

ESPINHO E A CULTURA

APRESENTAÇÃO

Concluimos neste Suplemento o trabalho iniciado no penúltimo número, tendo por tema central o estado actual da cultura nesta cidade. Temos plena consciência de que a análise do tema por nós feita não foi exaustiva, não tendo ficado, pois, esgotado o assunto, o que talvez venha a justificar futuras abordagens do problema. O que se justifica, de certeza, é uma atenção constante de nós todos perante um assunto de tanta importância.

A cultura, tal como a encaramos, num sentido lato, é «o conjunto de direitos que permitem ao Homem atingir a sua verdadeira dimensão». Assim, a realização humana passa pela discussão e prática do fenómeno cultura.

Como momento de discussão, organizámos uma mesa-redonda a que compareceram com vontade activa de participar os senhores: José Fonseca (J. F.), padre; Amadeu J. Morais (A. M.), advogado; Fernando Morais (F. M.), empregado de escritório; Helena Cardoso (H. C.), estudante; Eugénia Loureiro (E. L.), professora primária e Tomás de Sousa (T. S.), agente técnico. Orientação da discussão e montagem dos textos a cargo de HOJE (H.).

A EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR

A juventude é a causa da história e com tal exige que lhe sejam concedidos, ou ela própria conquiste, os meios necessários a uma educação extra-escolar. Duas perguntas me ocorrem: a escola fornecerá, por si só, uma cultura necessária e suficiente? Que se tem feito para preencher as necessidades culturais extra-escolares dos jovens?

A. M. — Ninguém duvida da necessidade duma cultura extra-escolar, duma educação de que cada indivíduo tome a responsabilidade. Mas, há um problema importante: a capacidade de um indivíduo para se educar extra-escolarmente depende da sua formação escolar. A escola não pode abranger todos os campos nem é essa a sua missão. Deve sim preparar o indivíduo, dar as bases, criar o gosto para que ele possa escolher os assuntos que lhe interessam. O facto de estar aqui em causa a educação extra-escolar, advém de que a escola pretende apenas fornecer determinadas matérias, em quantidade, levando à convicção de que isso, por si só, constitui a formação cultural. Assim se cria no espírito do aluno a negação do papel da educação extra-escolar.

H. — A Helena, como aluna de um estabelecimento de ensino, acha que na escola se encontra interesse em despertar o educando para a cultura?

H. C. — Não, de maneira alguma, trata-se apenas de proporcionar determinados conhecimentos provisórios.

T. S. — Encarando a educação no seu duplo aspecto tecnológico e humanístico, parece-me que o ensino está mais preocupado com o primeiro do que com o segundo; é ministrado de maneira que o indivíduo que estuda não se apercebe dos problemas que envolvem uma determinada sociedade. Para haver actividade extra-escolar tem de haver uma iniciação na escola. A falta de orientação leva os jovens a dispersarem a

sua atenção por actividades alienantes. O ensino tem grande, bastante e acentuada importância na base para que se possa progredir e criar interesse em actividades culturais.

F. M. — Eu penso que o problema da escola é estar afastada da vida, isto é, estar muito separada do que se passa cá fora. Tudo é apresentado de forma dogmática, não sendo dada ao aluno a possibilidade de sentir os problemas de forma crítica, isto é, propor, por si mesmo, outra visão dos factos e relacioná-los com o que se passa à sua volta. Tudo está ligado, e como tal tem de ser visto em linha recta, cobrindo todas as hipóteses. Na escola não são dadas as bases de uma cultura extra-escolar, logo esta última é aceite da mesma forma, dogmática-acrítica, da cultura escolar. Isso cria graves problemas.

J. F. — Em face do dito quase não sinto necessidade de acrescentar seja o que for. A razão por que os nossos jovens não sentem necessidade dessa cultura extra-escolar é, em parte, o dogmatismo com que as disciplinas são ministradas. O professor expõe uma matéria com princípio, meio e fim, aparecendo como um deus quase inultrapassável, em vez de dar azo a uma criatividade — o aluno procurar por si mesmo completar conhecimentos adquiridos na escola.

H. — Parece concluir-se que o ponto de partida para uma actividade extra-escolar estará na escola...

F. M. — Não necessariamente...

E. L. — Eu acho que o papel da escola não é essencialmente criar gosto por determinadas actividades, mas, sim criar disponibilidades no indivíduo para que ele se projecte espontaneamente — não é uma questão de criar gosto, mas sim abertura. Qualquer indivíduo só adere a uma actividade na medida em que esteja disponível para ela.

AS COLECTIVIDADES

H. — Estudado o papel da escola, observemos o que se oferece à população da cidade a nível extra-escolar, para o desenvolvimento da sua cultura. Verifica-se a existência de colectividades que dentro das suas limitações têm feito alguma coisa. Como as caracterizar?

F. M. — De uma maneira geral, qualquer associação de indivíduos com fins culturais encontra sérias limitações ao desempenho de uma actividade independente, isto em Espinho como em todo o lado. Iniciativas de jovens no género de criar um jornal, uma cooperativa livreira, etc., não encontram o apoio necessário. Como exemplo veja-se o caso do extinto cine-club, que não é possível reformar, como provam as diversas tentativas já feitas nesse sentido. Não é pois muitas vezes, o desinteresse das pessoas que está em causa, mas, sim um certo mal-estar que esse tipo de associações parece causar. Têm existido secções culturais que têm lutado com dificuldades de vária ordem, inclusivamente falta de indivíduos para as porem a funcionar. Não interessa uma secção cultural, ou qualquer tipo de associação, de meia dúzia de indivíduos que se reúnem ao domingo e dizem umas coisas, formando uma «panelinha» fechada. Por outro lado desde que se verifique uma certa abertura começam a surgir problemas.

T. S. — Acho isso certo, mas, dentro dos condicionalismos em que somos

obrigados a viver pode-se fazer qualquer coisa. Tanto assim que já se fez na A.A.E. Não vamos cruzar os braços pelo simples facto de não se poder fazer isto ou aquilo, essencialmente o que interessa é lutar por fazer alguma coisa. Isto mesmo provou a A.A.E. com a última série de colóquios.

F. M. — Eu apenas queria dizer que essa acção era muito limitada.

H. — Das colectividades, que se poderá dizer da Academia de Música? Qual tem sido o seu papel?

F. M. — Observa-se desde já o seguinte: a frequência da Academia é paga, é bastante cara, logo sendo uma instituição que apenas permite o acesso a meia dúzia de indivíduos — privilegiados economicamente ou excepcionalmente dotados — deixa de ter interesse para uma cidade como Espinho. No seu papel quer de ensino, quer de organização de espectáculos, a Academia de Música não é uma instituição popular. Destina-se a determinada classe que serve. A cultura aparece aí como uma caruagem da C.P. com 1.ª e 2.ª classes.

T. S. — Colectividade importante nesta cidade é o Sp. de Espinho, que no entanto não tem actividades culturais nem parece poder vir a ter, dada a mentalidade essencialmente futebolística que impera.

H. — Por outro lado essas actividades poderiam ter maior importância do que na A.A.E.

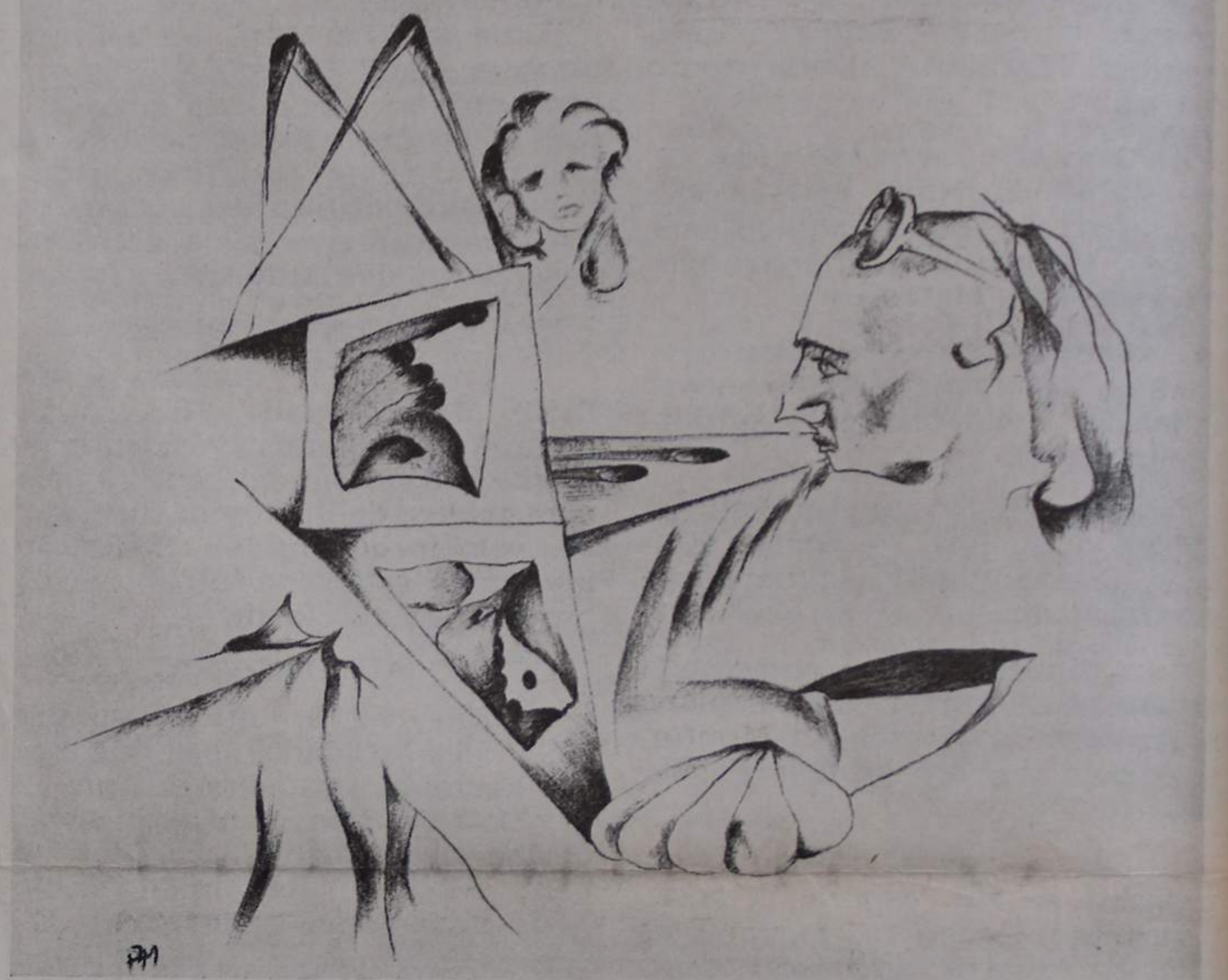
T. S. — Não vejo porquê.

H. — Porque o número de sócios que serve é maior, mais heterogénea a proveniência das pessoas que frequentam as suas instalações, já pela sua situação a sul da cidade, zona que apresenta maiores carências a nível social-cultural, já pela maior popularidade das modalidades praticadas. A Académica, de tradições mais aristocráticas, não é tão acessível de imediato a tão amplas camadas.

T. S. — Isso está certo, mas a Académica pode vir a tornar-se mais popular.

F. M. — É realmente notória a distinção entre os adeptos dos dois clubes

citados. Seja por causa do tipo de canalização, seja por qualquer outra razão o indivíduo é levado a praticar determinado tipo de desporto. Um indivíduo pobre por exemplo, não tem em princípio, possibilidades de praticar ginástica, que é basicamente o desporto de iniciação, porque esta é paga. O indivíduo levado a praticar desporto cai facilmente no futebol, porque este é o desporto para onde vão ao domingo as pessoas que o envolvem e que praticam nas horas livres. O mesmo não acontece com o hóquei em patins ou outro desporto. No desporto há pois uma divisão das pessoas segundo as suas procedências. E, é aí que bate o ponto-distinção já apontada.



ATÉ QUANDO... ?

H. — As casas de espectáculo, da cidade não apresentando espectáculos de teatro podem contribuir para a falta de interesse por essa actividade, por outro lado o cinema aí apresentado não serve a promoção de uma população como a de Espinho.

J. F. — O que se passa nos cinemas é que quando se apresenta um filme de melhor qualidade nota-se a casa quase vazia. Isso é um sintoma terrível de que a nossa sociedade ainda não se apercebeu da necessidade dessa promoção. As entidades oficiais, perante isto, deviam pensar um pouco à maneira dos homens de negócios — em determinadas alturas é preferível perder para depois se ganhar. Tive uma desilusão muito grande quando há cerca de um ano, falando com uma dessas entidades sobre uma iniciativa de carácter cultural, me foi dito que, por enquanto, todas essas iniciativas deveriam ficar à carolice. Sem querer puxar a brasa para a minha sardinha, eu penso que hoje, é exactamente no campo religioso que mais se faz sentir a necessidade de promover as pessoas, procurando despi-las de sentimentalismos baratos e noções absorvidas em série. Quando na igreja abordamos temas de ordem humana mais do que religiosa, como sejam o problema da fome ou da guerra, comecemos no entanto a surgir certos problemas. A escola, por seu lado, não acordou ainda para esta promoção integral do homem; de há uns anos a esta parte viu-se a necessidade da educação física não se sente, porém, ainda, qualquer necessidade de uma educação política; a educação musical está de modo geral entregue a docentes sem grande competência, no entanto na escola, onde lecciono no último ano, cá em Espinho, quando proporcionei audições de música gravada notei uma inteira aderência dos alunos, o que parece mostrar que eles estão interessados em promover-se nesse sector. Penso que a população de Espinho no aspecto cultural é imensamente pobre, mesmo no que respeita a pessoas de certa responsabilidade — isto é fundamentado na experiência de uma pessoa que aqui está há apenas

dois anos e como tal, incompleta, mas, falando com qualquer pessoa sobre temas de extrema actualidade, apenas nos dizem: *pois, claro, evidentemente.*

A. M. — O problema é que o sector comercial está feito para ter lucros e sabe que, em princípio, com espectáculos de teatro iria ter prejuízo.

F. M. — Pode nesse ponto caber uma certa culpabilidade às entidades oficiais, estas poderiam obrigar a que em tantos espectáculos apresentados um fosse de teatro ou de cinema de uma certa qualidade, determinada segundo critérios a apurar. Verifica-se no entanto, até, uma acção em sentido quase oposto e vemos os maiores subsídios do ano, atribuídos a filmes sobre o Eusebio e sobre o Fado. Em resumo não podemos contar com o empresário de cinema que apenas está interessado em obter os seus lucros e não tem imposições que o obriguem a apresentar espectáculos bons, no sentido da promoção cultural.

H. — Parece-nos pois que chegou o momento de se pensar em criar estruturas, sem as quais a educação extra-escolar, continuará a ser um mito, sem as quais os jovens continuarão a andar em vão à procura de pontos de interesse, que no fundo têm, porém mal orientados e sem locais exactos para a sua efectivação.

F. M. — Sim a juventude tem interesses, não tem é espaço e tempo, por isso os jovens vão para o ar livre ou para o café, pois só aí há possibilidade de se fazer algo. É quase impossível juntar dez indivíduos que não seja no café.

J. F. — É interessante verificar como estamos todos empenhados na criação do tal homem novo. Dentro de meses vamos começar a construir o centro paroquial; há muito tempo que acordamos para esta realidade: evangelizar o homem não é impingir-lhe doses de religião, mas, procurar a sua realização integral. Assim as sugestões surgidas nesta mesa, têm estado presente no estudo que fazemos para a criação desse centro. Penso que, a sociedade ainda não descobriu que o grande capital de qualquer sociedade é a pessoa humana.

URA . 2

O PAPEL DA JUVENTUDE

H. — Como se encara o papel motor da juventude nas actividades culturais?

T. S. — Posto o problema da juventude poder ou não valorizar a sociedade em que vive — eu acho que pode. Como? Criando iniciativas, criando o ambiente e os meios necessários a que realmente haja uma actividade cultural criativa. Posso citar como exemplo uma agremiação de Ovar, relativamente pequena, que se iniciou com desporto e actualmente se dedica a actividades de assistência não só desportiva como escolar, permitindo o acesso ao ensino de indivíduos pertencentes a agregados familiares mais desfavorecidos. Isto tem interesse pois que se a juventude tem que ser motor, deve sê-lo em moldes que vão contribuir para que a sociedade em que existem novos e velhos possa modificar-se de alguma maneira. O caso dos colóquios é um exemplo; e o também o caso do cinema que já aqui tivemos, e que existe lá em Ovar no G.A.V. onde são convidados cineólogos que orientam a projecção dos filmes e dirigem debates sobre estes o que contribuir, pelo menos, para que as pessoas, quando vão ao cinema, saibam o que estão a ver. A juventude cabe tomar a iniciativa e mobilizar os meios para que isso possa existir.

J. F. — Penso que qualquer iniciativa das camadas jovens, nunca se poderá concretizar sem a colaboração da sociedade mais adulta, ideal seria que, uma e outra sociedades se completassem. Evidentemente, a sociedade adulta dá-nos o contributo para a análise da situação presente, mas, parece-me que pertence à camada jovem ser profeta, isto é, adivinhar o amanhã. Os adultos, estratificados, já nos seus

critérios, não têm tanto a possibilidade de adivinhar o futuro como os jovens. Agora, penso que é extremamente importante antes de nos debruçarmos sobre os problemas da juventude, analisar uma determinada juventude em concreto, que é a nossa de Espinho, e assim pensar em iniciativas de cunho cultural numa linguagem acessível a uma sociedade como a de Espinho que considero um meio heterogéneo. Uma iniciativa que servisse esta zona central não poderia em princípio servir a zona sul, etc. Nessas iniciativas deve pois levar-se em conta um estudo pormenorizado de cada um desses sectores.

H. — Gostávamos que se detivessem um pouco sobre as possibilidades da nova secção cultural da A.A.E.

A. M. — O problema é sempre o mesmo, falta de preparação das pessoas, e vencer esta fase inicial leva o seu tempo. Pessoalmente duvido que iniciativas da S.C. possam resolver o problema cultural a nível de Espinho.

H. — Pois, concluído que foi essa preparação não se obtém na escola e fora dela, excluindo no campo desportivo, essa preparação não se pode obter parece-nos agora nítida a importância da juventude desempenhando um papel motor. Que possibilidades haverá pois de fornecer às camadas mais jovens o alento suficiente para se agregarem e desenvolverem trabalho.

E. L. — A menos que se criem condições não se verá iniciativa alguma, veja-se o fracasso das últimas tentativas feitas na Académica em relação ao teatro. As pessoas apareceram, mas não houve o que quer que fosse de atractivo que lhes permitisse continuar. (Continua na pág. 7)

O EXEMPLO DOS MAIS NOVOS

Um grupo de jovens, de 11 a 13 anos, pôs já em funcionamento a Secção Cultural da Associação Académica. Do seu trabalho eles próprio dão testemunho. E os mais velhos? Cremos que para eles também há lugar, se o procurarem.

Criou-se há cerca de um mês uma secção cultural que está à disposição dos jovens na sede da A.A.E. Temos várias actividades entre elas: teatro, música, artes plásticas, poesia e desporto. Poderemos vir ainda a formar outras secções mais interessantes, conforme o gosto de cada um. Numa das nossas reuniões pusemos a nós próprios algumas questões cujas respostas aproveitamos para elucidar sobre o que nos levou a aparecer na sede da A.A.E. onde existe este grupo de jovens.

Pois bem, viemos, porque tivemos curiosidade em experimentar uma coisa nova. Em resumo, mudar o ritmo da nossa vida. Confessamos, no entanto, que quando chegámos à secção cultural, não esperávamos encontrar o que na verdade encontramos. Pois foi extraor-

dinário o ambiente de camaradagem e simpatia de todas as pessoas. Criaram a nossa volta um ambiente quase familiar, foi formidável a sensação de bem-estar que nos envolveu.

Passado o dia das apresentações começámos a trabalhar: em teatro, fizemos improvisações; em música, auditório e aprendemos a ouvi-la; em artes plásticas, vimos algumas revistas de pintura; em poesia, lomo-la e interpretámo-la. Contámos, no entanto fazer muito mais coisas, e para isso pedimos também a vossa ajuda. Contamos até agora com muito pouca gente. Este artigo foi feito também para dar a saber aos jovens que existe este grupo e precisa deles. Jovens, a nossa porta está aberta, vinde! — este é o nosso desejo.

Para o caso de quererem aparecer, o horário é, para já, o seguinte: Terças — Pintura, música e poesia (sede da A.A.E.); Quartas e Sextas — Teatro; Quintas — Desporto (no Pavilhão) — sempre às cinco da tarde.

HOJE

ELABORADO POR:

ANTÓNIO SANTOS

JORGE CATARINO

PAULO MARIA

ORLANDA, ANGELINA

M. MANUEL, M. ANTONIETA

MARGARIDA

SUPLEMENTO

O TEATRO QUE NÓS NÃO TEMOS

1. Muitos terão ouvido falar de teatro entre nós, na Académica. Tratava-se de uma adaptação ao nosso tempo de *A Paz de Aristófanes*. O trabalho realizado teve bastante interesse, tendo sido resolvidas algumas das fases que mais põem à prova os interesses de um grupo. Contudo, a aproximação de frequências e exames de primeiro semestre vieram impor uma interrupção no trabalho, já bastante adiantado. É verdade que não pode haver teatro, entre nós, sem grandes sacrifícios. (Refiro-me naturalmente àqueles que o amam). Mas não só.

Teatro. Valerá a pena falarmos de teatro, nós que tanto nos ocupamos de outras coisas para nós tão importantes (a profissão, o futebol, o café, o bilhar)? Digo importantes, sem qualquer ironia, pois, se lhes damos atenção, é porque têm de algum modo um sentido para nós. E o teatro? Terá ele um sentido? Porque não nos interessa, ou, se nos interessa, como nos interessa e porquê?

2. Diz Shakespeare, num dos seus personagens, que a vida não é senão um vasto teatro. Thoorens dá-nos um exemplo, assás curioso: o encontro, em Pas-de-Calais, 1520, de Francisco I com Henrique VIII. É um acontecimento histórico. Representam os monarcas, um para o outro, o fausto, o poder. Procuram dar, cada qual ao outro, aos outros, (ao povo, aos pvs) a imagem conveniente. Mostram, mais do que são, o que convém pareçam. Teatro inconsciente (e talvez não). A vida.

Sirvo-me ainda Thoorens: «Há teatro sempre que as pessoas recorrem ao uso de uma veste, de uma máscara, de uma mímica, esforçando-se por parecer outras pessoas, representando (re-presentando) uma acção determinada, num espaço determinado, geralmente diante de espectadores». Estes espectadores são por regra passivos, como podemos observar, normalmente, nas nossas plateias. Mas não têm que o ser. Nem sempre o são. Como esse espaço determinado não tem que ser o palco, à italiana do teatro que (acidentalmente) frequentamos. Nos *mistérios* medievais, os próprios espectadores são, à semelhança do coro grego, o povo, a multidão. O espectador activo é uma das procuras incessantes de um teatro do nosso tempo, de um teatro vivo, tal, como no desporto, a prática desportiva e não a contemplação passiva das bancadas. No teatro, como no desporto, o espectáculo é de certo modo uma perniciosa. Recordo o livro de Debord cujo título, *A Sociedade do Espectáculo*, é já por si inquietante. Diz Debord: «Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção anuncia-se como uma imensa acumulação de *espectáculos*. Tudo o que era directamente vivido, afastou-se numa representação». Teatro vivo. Teatro morto.

Uma vez ainda Thoorens: «O jogo dramático não é um fenómeno isolado e gratuito, um divertimento sem ligação de necessidade com a vida. Vida e teatro estão intimamente ligados. (...) os sociólogos, os etnólogos, procuram no teatro dos povos indicações sobre a vida profunda e secreta. Filósofos consideram mesmo toda a cultura criação do *homo ludens*. (...) Todos os povos, sob todas as latitudes, em todas as épocas, conheceram uma actividade que, de um ou outro modo, é teatro». Mas para lá das festas dionisíacas. Desde que os homens se cobriam (se cobrem) com peles de animais, a cabeça do animal escondendo a sua cabeça, e, sem voz, dançam já a linguagem do corpo. Como os desenhos nas grutas do paleolítico.

1935. Uma voz, a de Garcia Lorca, no *Teatro Español*: «O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barómetro que marca a sua grandeza ou a sua decadência. (...) O teatro é uma escola de lágrimas e de risos, uma livre tribuna onde os homens possam pôr em evidência velhos ou equívocos princípios de moral e explicar, com exemplos vivos, normas eternas do coração e do sentimento do homem. Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não morreu ainda, está moribundo;

do mesmo modo, que o teatro que não tende à pulsação social, à pulsação histórica, ao drama do seu povo e à genuína cor da sua paisagem e do seu espírito, através do riso ou das lágrimas, não tem o direito de se chamar teatro, mas antes sala de jogo ou sítio para fazer essa coisa medonha que sa chama «matar o tempo».

Ainda recentemente, em todos os jornais, em todo o mundo, Luchino Visconti, mensagem do 12.º Dia Mundial do Teatro: «(...) tudo o que hoje significa vivermos uns com os outros, reunirmo-nos na expectativa de um acontecimento essencial, de uma esperança (terapêutica, salvação, talvez, de qualquer modo certeza de uma relação essencial e irrecusável entre os homens), de uma transcendência misteriosa, pertence ao teatro».

3. Teatro. Brecht insistiu no seu carácter didáctico. É uma escola, dizia Lorca. Acrescentarei: a mais agradável e eficaz que se possa imaginar.

Antes de enunciados os mais fundamentais conceitos da educação moderna, o teatro os praticava já, embora de uma forma nunca escolar. Mas, se tem sido a própria escola-instituição, sempre de certo modo rígida, o maior obstáculo contra o próprio pensamento pedagógico, o teatro é (pode ser) a escola menos escola possível. Falo, evidentemente, de um teatro orientado no domínio da educação, não para esse domínio, o que daria um teatro escolar, a meu ver, desejável de modo algum. Digo *educação* que não tenha um fim em si mesma, mas do homem, para a vida e pela vida, como desejava Decroly. Teatro vivo e não teatro morto. Não só visto de fora, mas por dentro. Um teatro que nos torne pessoas. Não-directivo. Uma educação pela liberdade, para a liberdade, permanente, pelo movimento, atenta ao processo de desenvolvimento do homem, que não encha ninguém como se fosse um vaso, mas atee em nós um fogo humano. Escola activa, o teatro, que por natureza é acção, trabalho. Trabalho. Produção (socialmente útil). Criatividade. Criação colectiva. (Qualquer coisa como o método de projectos de Dewey).

Escolhe-se o tema. Investiga-se, estuda-se, discute-se. Elabora-se o texto. Desenha-se a cena e os figurinos. Constrói-se a cena e o guarda-roupa. E os adereços. Tudo. Faz-se os projectores, o quadro de luzes. Grava-se ou faz-se mesmo a música. Entrevistam-se os espectadores. Fazem-se colóquios com eles. Levantam-se estudos sobre os problemas locais que fornecerão elementos para um novo trabalho. Ou ajudarão à escolha adequada de um texto. Etc., etc. E direi ainda: jogo, desporto. «Ser actor é praticar um desporto que exige um equilíbrio muscular, respiratório e nervoso. O actor, idealmente, é um atleta afectivo», disse Barrault. Aprende a respirar, aprende a andar, aprende a falar, a pensar; aprende o gesto preciso; desenvolve um espírito crítico, uma capacidade criadora, uma sensibilidade, uma afectividade; descobre o seu corpo o seu «eu», o «eu» dos outros; socializa-se, socializa. Aprende a viver. Aprende a vida. E como isto não bastasse, o teatro é ainda, como disse Visconti, uma *terapêutica*.

4. Espinho. Necessidade de teatro em Espinho? Sim? Não? A história do teatro faz-nos supor que sim. Ele tem sido necessário em toda a parte, em todos os tempos. Existe essa necessidade nas aldeias. Pessoas rudes, que não sabem ler o papel, estudam-no, discutem-no, representam-no para outras pessoas que aprendem o teatro, se enriquecem com ele.

Espinho, sabemos, teve já o seu teatro. Talvez possa renascer. Aonde? Talvez na Académica que ainda tem uma porta (fechada), que diz cultura. Na Academia de Música que até tem *ballet* (e até se paga). Nos estabelecimentos de ensino (é urgente!). Em qualquer outro lugar, se se houver, se se criarem. Quem? Nós, certamente, os que gostamos de teatro. E não só. (E não só).

DOMINGOS DE OLIVEIRA

J. PINHEIRO DE MORAIS

MÉDICO

Clínica Geral

Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390

Telef. 920452

ESPINHO

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º — PORTO

Telefone 33868

Centro de Enfermagem de Espinho

III

Uma Organização

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 8 às 24 h.)

ESPINHO

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Em Breve...**Dr. Aucíndio Valente**

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL.921014

Dias: 3.ªs e 6.ªs feiras com hora marcada

Pinto de Matos

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopédia das Universidades de Lausanne e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Ausente em Inglaterra

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

DR. SECO JULIÃO

Médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq. Telef. 920807

às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora marcada a partir das 15 horas

Medicina Laboratorial**DR. VICOR HUGO**

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Amadeu J. Morais

CANDIDATO A ADVOCACIA

ESCRITÓRIO:

Rua 62-n.º 175 — ESPINHO

CONSULTAS ÀS — 2.ª 4.ª 5.ª das 17 às 20 horas

Dr.ª Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

GAZETILHA**DE REGRESSO**

A Musa chegou de férias.
Sorridente, coradinha,
Cesta de pêras... e lérias,
Apeou-se do «vouguinha».
Em festas e romarias,
Nas terras que percorreu,
Pôs à solta as alegrias
Que traz no sangue plebeu,
E disse «não» às maçadas
De rimas d'alto teor:
Por hoje, só desgarradas
Em redondilha maior!
A viola ao peito alçando,
Deste modo foi cantando:

«— Nem tudo o que luz é oiro,
Nem tudo fala verdade;
Filha duma vaca, é toiro;
Filha do Mar — a Cidade.

Nem tudo o que é bom perdura,
Nem todo o filho tem pai;
Nem todo o cebo é gordura,
Nem tudo o que oscila cai...

Por cá, nem tudo são rosas...
Mas Espinho assim explica:
Mesmo em roseiras formosas,
Há sempre o espinho que pica.

Quem tudo quer, tudo perde...
Há casos em que é patranha;
Quem tem milhões, nunca perde:
Tudo quer e tudo ganha!

Trovão que troa, é barulho;
Jarrão quebrado, é caco;
Manilhas, grúas, entulho...
Passagem, inda é buraco.

Mas nenhum «despacho» isenta
Os magnates do petróleo,
Quando a Morte se apresenta,
De a seguir. Deixando o espólio.

Nem todo o vinho é só uva,
Nem o porco é só presunto;
Nem toda a triste viúva
Guarda respeito ao defunto.

Prometer, não custa nada;
E até que a obra se veja,
É terapêutica azada...
P'ra entreter a brotoeja.» —

Depois, dando o braço a Baco,
A Musa, num desatino,
Pondo a viola no saco,
Foi p'rá «boite» do Casino...

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

CINEMA**OS FILMES DA SEMANA**

Continuação da página 10

corajadores (...), o cinema checo vê-se subordinado aos princípios do «realismo socialista», às regras de uma arte puramente educativa, ditados pelos discípulos de Jdanov. A arte cinematográfica consegue no entanto, afirmar-se nos filmes de animação de Jiri Trenka e de Karel Zeman e nos filmes psicológicos, agudos e melancólicos de Vaclav Krska. Só em 1957 é que o jovem realizador Vojtech Jasný rompe com o academismo tradicional e abre uma vida nova ao cinema checo, com «Les Nuits de Septembre», descrição pouco serena da vida militar (...).

Vojtech Jasný é o precursor desta «Nova Vaga», que, saída da Escola de Cinema de Praga (F.A.M.U.), beneficiou da evolução política e social da Checoslováquia e da descentralização em grupos de produção levada a efeito nos estúdios. Cineastas completamente diferentes, (...) têm várias preocupações comuns, como a procura apaixonada e por vezes impiedosa da verdade — uma verdade humana, actual — seja que formas forem que ela revista ou com que a revistam.

A. C.

LIMONADA JOE (JOE KOLALOCA)

de Olrich Lipsky

Os «westerns» ou, como são mais conhecidos, os filmes de «cow-boys» foram ao longo da história do cinema parodiados através de comédias que tentam destruir os mitos do Oeste criados pelos cineastas de Hollywood, seguidos estes pelos europeus (nomeadamente os italianos).

O filme a exibir no Cine-Teatro do Grande Casino de Espinho no dia 13 do corrente mês, é de origem checoslovaca. A sua história é simples e tenta ridicularizar os figuras típicas dos «westerns» e certo tipo de filmes realizados com o fim de conseguirem boas receitas indo ao encontro do mau gosto do público.

O herói, Limonada Joe, é a personificação da virtude, do cavaleiro justo que defende os oprimidos, indivíduo de múltiplos recursos que sobrevive às mais difíceis situações por amor da sua dama e que deve a sua invencibilidade à limonada Kolaloca, única bebida pura e que tornava as pessoas em seres meigos e poéticos ao contrário do malfadado «whisky». Por conseguinte o filme de Lipsky ridiculariza o herói típico através duma figura imberbe e toda vestida de branco que por sinal pertence ao conselho de administração da limonada Kolaloca e tem como função fazer a publicidade do produto. Através deste pormenor o realizador mostra-nos que as características da

sociedade de consumo, acompanhadas de outros pontos críticos da sociedade americana, se transmitem através do cinema tentando mostrar ao público que os heróis puros e bons são indivíduos ricos, pertencentes a gerências de grandes empresas ou a outros postos de elevado nível.

Os «maus da fita», como geralmente se diz, são indivíduos grotescos, maus, sem escrúpulos que defendem o produto da perdição, o «whisky».

As cenas de luta no saloon, a luta entre o herói e o vilão, os ciúmes da cantora do bar, o guarda-costas do chefe dos bandidos, a heroína pura e bela, são aspectos característicos da generalidade dos «westerns», ridicularizados e analisados pormenorizadamente.

E, como na maior parte dos filmes de gosto fácil, tudo acaba em bem, duma maneira ridícula, que pretende salientar o espírito pobre que envolve a criação da maior parte do produto que vem ter às mãos das pessoas.

Olrich Lipsky elaborou um filme que além de ridicularizar os «westerns», põe ao descoberto toda uma gama de conceitos específicos da sociedade que nos rodeia. Obra a não perder por aqueles que além da diversão pretendam a reflexão.

M. G.

A Maior Organização do País em Compra, Venda e Colocação de Capitais



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS:

40.000.000\$00

RUA PASSOS MANUEL, 4-1.º • PORTO

RUA DO OURO, 292-1.º • LISBOA

ESPINHO E A CULTURA . 2

(Continuação da pág. 5)

F. M. — Parece chegar-se à conclusão que existe de facto uma impotência de pessoas isoladas que queiram fazer face ao problema. É preciso descobrir as formas de luta contra o isolamento das pessoas.

T. S. — Não terá realmente interesse a Académica em dar aos sócios qualquer coisa para eles ocuparem os seus tempos livres?

A. M. — Quanto a mim não. A A.A.E. é o conjunto dos sócios e deles que tem de partir a iniciativa. A Académica, instituição, tem as suas instalações; aos sócios pertence a iniciativa.

T. S. — Da juventude sairá o arranque que conduzirá à criação de meios para que se faça alguma coisa. Isto, evidentemente, não vai resolver um problema que é de base, de maneira nenhuma.

A. M. — Já foi na Assembleia-Geral da A.A.E. discutido o projecto de uma sala de convívio, a equipar com rádio, gira-discos e outras comodidades que tentaria desempenhar as funções dos cafés. O projecto só não se efectuou por se ter chegado a conclusão de que não valeria a pena pois uma tentativa semelhante tinha falhado em tempos, evidentemente que estas tentativas poderiam resultar, elas resultam mesmo, em outras localidades. O problema de Espinho é que a sua sociedade é fútil de mais.

T. S. — Não há dúvida de que Espinho, devido às solicitações que tem, obriga as pessoas a fugirem um bocado a essas tentativas de arranjar algo onde elas se possam cultivar. Aliás verifica-se que as terras onde essas iniciativas vão avante são geralmente pequenas com poucas solicitações. Mas será impossível criar em Espinho uma secção de teatro amador, por exemplo? Será isso impossível de fazer?

A. M. — Evidentemente que não. Não há ninguém que procure criar condições.

F. M. — O problema é diverso. A pergunta se não é possível formar um grupo de teatro amador cá em Espinho eu responderei que os grupos de teatro formam-se quando há vinte indivíduos que querem fazer teatro e são eles que o fazem, e não quando nós aqui reunidos decidimos que a A.A.E. vai ter uma secção de teatro e vamos recrutar lá fora indivíduos que se interessem por teatro para serem os actores. Conheço, por exemplo, a experiência do Teatro Experimental de Aveiro em que um grupo de indivíduos são os actores, os carpinteiros os financiadores, unidos no mesmo interesse de fazer teatro, sem subsídios. Eles por si próprios são tudo. O grupo de teatro é os indivíduos que o fazem. Se a iniciativa for externa ao grupo estar-se-á a proceder de forma errada.

AS FESTAS D'AJUDA

E AS OPINIÕES DOS SEUS MENTORES

(Continuação da pág. 1)

através de subcomissões nomeadas para o efeito, contando-se com a adesão de todos os espinhenses. Para além disso, naturalmente que há os subsídios das entidades oficiais locais, que contamos sejam ampliados e, por fim, o produto do «terraço», isto é, da venda dos lugares para barracas e afins».

Acrescentaria, então o sr. Fernando Meneses sob este ponto que «espera-se poder fazer uma vinheta para um peditério público nos dias dos festejos, já que a cidade será invadida por forasteiros, desde que tal não vá colidir com qualquer iniciativa do género lavada a efeito por alguma colectividade local».

No tocante ao programas das festas, e quando perguntámos se haveria muitas novidades, foi ainda do sr. Fernando Meneses a resposta de que «não, não fugimos daquele programa normal, até porque há um desfasamento entre os festejos religiosos e profanos. Os primeiros, continuam sobre a orientação da Confraria da N.ª S.ª da Ajuda, embora a Comissão tivesse tentado fazer algo de novo, dentro das realidades da época em que vivemos, contudo não foi possível modificar maneiras de pensar ancestrais, de pessoas que continuam arreigadas aos processos do antanho. Na parte profana, pois tentamos melhorar por ora a ornamentação, escolher umas bandas de música com certa qualidade, completando o programa com tudo quanto é dado nestes festejos, embora, por determinação da Comissão Municipal de Turismo, cingindo o arraial à Avenida 8, a partir da 23 para sul até à 33».

Ficámos com a ideia de haver um desajustamento, a provocar um desfazamento que, inclusive, ressalta até pelo facto de, por muito estranho que pareça, existirem dois cartazes para as Festas da N.ª S.ª da Ajuda, sendo um anunciador da parte religiosa e outro da parte profana. E, tendo demonstrado a nossa estranheza, ouvimos o mesmo interlocutor dizer que «existe realmente um desfazamento, prejudicial sem sombra de dúvidas. A Comissão não conseguiu fazer prevalecer a sua ideia, já que a Confraria impõe um tipo de festejos religiosos que não se concebe na época que atravessamos. Pensamos, até, fazer uma procissão nocturna em moldes inéditos, porquanto, convém saber, ano a ano, a procissão tradicional, com muitos andores a percorrer as ruas, constitui um engano, pois enquanto antigamente toda a gente

de há uns anos a esta parte é preciso pagar a quem o faça e nem assim se encontra, sendo necessário recorrer aos bons ofícios de militares, escuteiros e outros elementos para colmatar essas lacunas. Também, se realiza, um tríduo de pregação que não diz nada às pessoas e apenas chama à Capela um escasso número de praticantes que são habituais há longos anos naquele templo, normalmente a cargo de padres que foram contratados para virem pregar a palavra de Deus, quando seria mais curial, dentro da evolução até da própria religião, organizar outros géneros de actos dentro do campo regilioso que se envolvessem de real actualidade e dimensão atraindo, realmente, a atenção das pessoas, concitando o seu interesse e participação, conduzidos por clérigos consagrados e convidados e nunca contratados».

Mas, o Centro de Assistência Social de Espinho e a Comissão citada, esperam lucros com a realização dos festejos e, se assim é, para que fim? Pois a pergunta obteve a resposta do sr. Meneses, acolitado pelo sr. José de Almeida (JÓ), que nos disseram «o intuito não é obter lucros, embora, naturalmente, esperemos que isso aconteça e tentemos, com sacrifício, conseguí-lo, como o demonstra o grande peditério público, onde temos encontrado, é facto, grande apoio e compreensão, mas também incompreensão a rodos, como se mendigássemos algo para nós próprios. Claro, não é possível evitarmos a utilização dos sábados, à tarde, livre para muitos dos componentes da Comissão, porém deparamos com má vontade de algumas pessoas para os breves minutos que as fazemos perder na sua vida, quando ao dizerem-nos que não, que o dia é mau e outros argumentos, esgotam muito mais do que o tempo preciso para nos dar o óbulo requerido. Não nos movem intuídos quaisquer puramente lucrativos, juntando o útil ao agradável, isto é, fazendo as festas dignas da cidade e duma estância de turismo, como esperamos, queríamos retirar também alguns proventos para a obra do Centro de Assistência Social de Espinho, ansioso por arranjar fundos suficientes para, se possível, levar por diante a ideia de arranjar casas decentes para quantos, ainda, habitam por aí em casebres de lata, impróprios de seres humanos».

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA
DE
MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção . Compressão . Extorsão)
(Insuflação . Rotação . Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540-921098

APARTADO: 40

ESPINHO

“ HERCULES ”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE



GRANDE
CASINO
DE
ESPINHO

ONDE O
NORTE
SE
DIVERTE!

• MÚSICA DE BAILE •

Pelos apreciados Conjuntos de
JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO
e LOS WINDY'S (espanhol)

• VARIEDADES •

SCHOCK SHOW BALLET
BAILARINAS

LES MICHEL'S Y BEATRIZ
Patinadores acrobáticos

MARGOT & CHIVERTO
BAILARINOS ACROBÁTICOS

MARIA ARMANDA
CANÇONETISTA

• MÚSICA E DANÇA •

NO SALÃO DE FESTAS NO RESTAURANTE
Restaurante (M/ 14 anos) "Boite" (M/ 21 anos)

JANTARES CONCERTOS
Esmerado Serviço

NO SALÃO DE FESTAS
Matinées Dançantes (M/ 6 anos)
Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO
SLOT - MACHINES

• CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

SALAS DE ESTUDO - OLIVEIRA MARTINS

Largo da Graciosa, 43-1.º-ESPINHO
(Em frente à estação da C. P.)

Centro de explicações até ao 7.º ano, para ambos os sexos Externato-Preparação intensiva para o ciclo preparatório, 2.º e 3.º ciclo liceal.

Informações e instrução: provisoriamente na Escola de Dactilografia Delta
Telefone 921655

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA
ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO - JOALHARIA - PRATAS - RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 - ESPINHO

Bons Estabelecimentos

À beira-mar, na esplanada,
junto ao Hotel Praiagolfe,
alugam-se Falar no local ou
por telefone 92 09 74, das
15 às 18 horas.

Livraria - Papelaria ACADÉMICA

Artigos Escolares-Escritório
e Posters

Rua 31 n.º 729 ESPINHO

PRECISA-SE

Empregado para Armazém de Supermercado em Espinho

Carta à Redacção ao n.º 22

Com idade, firma onde trabalhou e ordenado pretendido

COLÉGIO DE N.º S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Musica com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

GUARDA NOCTURNO

PRECISA-SE

Para Fábrica em Espinho

Guarda-se sigilo estando empregado

Resposta ao apartado 36 - ESPINHO

PROFESSOR

Diplomado de ensino secundário
particular lecciona, e recebe em
sua casa até 2 alunos do ciclo pre-
paratório.

PROFESSORA

De Francês e Inglês Teórico e prático
Rua 18 n.º 996 - ESPINHO

José Oliveira

Solicitador encartado

ESCRITÓRIO:

Rua 19 - 401 - 1.º - Tels 920093
« 920959 P.F.

RESIDÊNCIA:

Rua 9 - 868 - Tel. 920770

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem
electrónica para verificação de alterna-
dores, Bobinagem de dinamos e moto-
res. Testes eléctricos e Focagem de
faróis.

Garagem Espinho-Praia, L.da

(Serviço Móbil)
Rua 15 - Tel. 921333 - ESPINHO
Residência Telef 964194

VENDE-SE

Máquina de Tricotar
BUSCH

Modelo DM 420 agulhas
Estado de nova

Falar R. 18 n.º 825-ESPINHO

desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

Com licença...

Do esclarecimento ao pedido

Pois, segundo versões idóneas, o meu último «Com licença...» levantou ondas. Recebi parabéns e não recebi críticas... senão indirectamente, pelo menos até à altura de rabisçar este apontamento. Das críticas, soube através de amigos que as ouviram, pois quem as fez usou desse processo leal para, com o direito que lhe assiste de não concordar, me fazer chegar as suas opiniões. Algumas, mesmo, parece que incendiadas e próprias da mentalidade futebolística que, infelizmente, se vê em cada domingo nos campos da bola. Que vimos, por exemplo, no último domingo quando o Boavista, já bastante rodado, fez num ápice 2-0 e os adeptos, de mentalidade futebolística torcida, desataram a assobiar a equipa espinhense, nova do meio para a frente, com necessidade de se entrosar e a fazer o seu primeiro encontro, precisamente contra um conjunto do primeiro escalão do nosso futebol. Depois, quando se empatou, foi tudo aplausos.

Respeito as opiniões alheias, quando as pessoas têm coragem para as pôr franca e objectivamente, não usando o processo velado, a mesa do café, a tabela, encolhendo-se numa cobardia para atacarem. Respeito as opiniões alheias, porém não hipoteco as minhas e, meus senhores, eu não escrevo no Jornal por encomenda, portanto quem decide se é, ou não, oportuno jogar este ou outro aspecto num artigo é, certamente, o seu autor e não quem lê ou se julga atingido pelas palavras do articulista, embora, notem, só enfia o «barrete» quem quer ou quem não se apercebeu bem da intenção do escrito. Mas, enfim...

Agora, e esclarecendo, quem decide sobre o tema do escrito e a sua oportunidade sou eu, enquanto escrever, como, e continuando a esclarecer, procuro manter uma verticalidade e coerência nas ideias expandidas, sem que isso não me possa eximir de, por vezes, errar, como todos. Quem discordar dos artigos do articulista, pois neste Jornal, cheio de espírito de abertura, tem um recurso magnífico: PORTA ABERTA, através de carta devidamente identificado o seu autor, de opinião para um gravador, na Redacção!

Desde que explanem o ponto de vista discordante com elevação, o recurso está ao dispor para quem quiser, ao invés

da discordância escondida na cobardia do anonimato ou do recado por tabela que, às tantas, até são capazes de desmentir na frente do articulista!

Portanto, estamos esclarecidos e quanto às ideias do meu último «Com licença...», pois deixemos o tempo fazer de juiz. Na devida altura, lá voltaremos ao tema, podem estar cientes e tranquilos.

— x —

Agora o pedido. No domingo estive no Campo da Avenida. Sabemos todos que o futebol tem decrescido no entusiasmo das multidões e as gerações de agora não se inclinam muito para ele. De resto, também pouco se tem feito, na verdade, nesse sentido. Houve umas tentativas soltas, fortuitas, mas não se passou daí.

E a gente nova constitui a futura massa espectadora. Além disso, o entusiasmo da gente nova, aplaudindo e incitando a sua equipa, pode constituir um tónico precioso e contagiar o resto dos prosélitos do clube, hoje, por norma, só vibrando e incentivando quando as coisas correm bem, esquecendo-se de «jogar por fora» nos momentos em que o apoio é mais necessário.

Vamos fazer no Campo da Avenida um SECTOR DA JUVENTUDE, para jovens dos 6 aos 15 anos, com entrada gratuita. Esses jovens, ficariam acantonados em determinado sector, se possível numa bancada, e para velar pelo seu comportamento, inclusive para os ensinar a verem o espectáculo com o desportivismo requerido, sem travar a espontaneidade da sua maneira de viver e vibrarem com o espectáculo, de aplaudirem e incentivarem os seus, respeitando o adversário e o trio de arbitragem, convidar-se-iam antigos futebolistas, conhecidos desportistas locais, pessoas com quem gostariam, certamente, de privar por momentos, que se sentariam entre eles.

Aqui fica a ideia, como pedido, para que no Campo da Avenida passe a haver um SECTOR DA JUVENTUDE, manancial de futuros espectadores e, quiçá, um núcleo que passará a ser um «jogador por fora» da renovada equipa do Sp. de Espinho!

C. S.

OPINIÃO

Suscitou viva controvérsia o artigo publicado nesta página no número anterior sob o título «Pede-se: Tenta na Bola, meus Senhores» da autoria de Carlos Sárria. Houve muita gente que discordou do teor do artigo e nós somos dos que o consideramos pelo menos inoportuno. Mas duma coisa podem os leitores estar certos: os colaboradores deste jornal são livres de emitirem a sua opinião desde que não belisquem a integridade, a idoneidade das pessoas. Pelo menos é isso que está no espírito dos responsáveis.

Que é necessário ter «tenta na bola» toda a gente o sabe, pelo menos os mais conscientes e nesse grupo está a actual direcção do S.C.E.

A Direcção não desatou a contratar jogadores sem medir as consequências desses actos. Admitimos que os compromissos assumidos excedam largamente os orçamentos normais do clube. Mas o futebol, meus senhores, não é mais um desporto. É um espectáculo. Um espectáculo que atrai milhares de espectadores. Futebol é investimento. Futebol é turismo. Futebol é espectáculo que tem de ser forçosamente administrado a nível de empresa.

E quantas empresas (ressalvo as excepções) se podem dar ao luxo de envolver no seu negócio apenas o dinheiro que possuem em caixa? O negócio é risco. O Clube arriscou e com essa atitude lança um repto à capacidade empreendedora das gentes da sua terra. Para isso é necessário que todos ajudem desde o comerciante, ao particular, passando pelas entidades oficiais.

Espinho-Cidade beneficiará ou não com a melhoria do lote de jogadores que o Clube pôs à disposição da sua Secção de Futebol? O comércio e a indústria não beneficiarão com a projecção que o Sporting de Espinho poderá vir a alcançar no decorrer desta época futebolística? E o Turismo?

A Direcção do Clube traçou um plano arrojado. Esqueceu a possibilidade dum inverno rigoroso e todos os contra-tempos em que o futebol é fértil e que podem sobremaneira influenciar os resultados de bilheteira. Lançou os dados. Agora só temos que aguardar.

FUTEBOL

ESPINHO, 2 — BOAVISTA, 3

As equipas alinharam:

ESPINHO — Luz; Ribeirinho, Simplicio, Gonçalves e Gomes; Acácio, Ferreira da Costa e Helder Ernesto; Augusto, Têlé e Malagueta.

BOAVISTA — Barrigana; Barbosa, Mário João, Amândio e Lobo; Branco e Zézinho; Acácio, Rufino, Tai e Salvador.

Árbitro: Vitorino Gonçalves, auxiliado por Ferreira da Silva e António Medina.

Os golos. Pelo Boavista — Tai (3 m.), Acácio (5 m.) e Rufino (78 m.). Pelo Espinho — Augusto (28 m.) e Têlé (68 m.).

Apesar do tempo ser mais convidativo para a praia do que para um jogo de futebol acorreu bastante público ao Campo da Avenida. Na verdade era de esperar uma assistência bastante numerosa dado o entusiasmo que se sente na cidade por virtude dos reforços angariados no início desta temporada pela Direcção do Clube e a prová-lo está o grande número de assistentes que normalmente se encontram nos treinos. E pode dizer-se que esse entusiasmo, nesta apresentação não foi de maneira nenhuma iludido, já que a equipa demonstrou grandes possibilidades.

Quanto ao jogo este ia morrendo logo nos primeiros 5 minutos quando o

Boavista marcou os dois primeiros golos. Golos a frio que poderiam ter perturbado uma equipa que campeia numa divisão inferior. A pouco e pouco o Espinho foi serenando e equilibrando a partida. Chegando mesmo a demonstrar um certo ascendente ofensivo que veio a ser culminado com o golo de Augusto, em jogada de puro futebol com Têlé a ir à linha de fundo centrar como mandam as regras e surtir um golo de belo efeito.

Neste período de maior assédio por parte do Espinho, Barrigana viu uma bola bater na barra transversal da sua baliza.

Na 2.ª parte, o Espinho insistiu ainda mais no ataque na ânsia de marcar o golo que lhe permitisse ficar em igualdade com o seu adversário. E isso veio a acontecer aos 68 m. em magnífica jogada de Ferreira da Costa que o guarda-redes Barrigana não conseguiu segurar o que proporcionou a Têlé a recarga vitoriosa.

A partir da igualdade o Boavista esquivou e então veio ao de cima a sua maior maturidade e a sua maior rodagem nesta altura da época. E foi com naturalidade que apareceu o terceiro golo, o golo da vitória, que aliás nos pareceu irregular por deslocação do seu marcador.

Bom jogo, atendendo a que estamos no início da época e boas perspectivas para a equipa local.

SPORTING CLUBE DE ESPINHO

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do disposto nas alíneas a) e b) do Artigo 86.º dos Estatutos convoco a Assembleia-Geral Extraordinária para o dia 13 de Setembro de 1973, pelas 21 horas, na Sede, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Tratar de assuntos de interesse para a Colectividade.

NOTA: — Se à hora indicada não estiver presente a maioria dos Sócios, a Assembleia-Geral funcionará uma hora depois com qualquer número.

Nos termos do Artigo 31.º e § 1.º dos Estatutos, só poderão tomar parte na Assembleia-Geral os Sócios maiores ou emancipados

Hóquei em Patins

Na quarta-feira passada, ao ser derrota por 3-7 pela equipa do Fânzeres, a turma principal da Académica de Espinho perdeu as suas últimas — e bem ténues — esperanças de fugir à despromoção automática. Jorge, Marçal, Vladimiro, Rui, Alcino, Raul e Dr. Amadeu formaram o conjunto que atingiu o intervalo com a vantagem de 3-0, mas não teve resistência para obstar à melhor preparação física do adversário.

que tenham mais de três meses de associados e estejam em dia com a cotização (Cota 8).

Espinho, 1 de Setembro de 1973.

O Vice-Presidente da Assembleia-Geral em exercício,

ANTÓNIO ALBERTO ALVES

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.^a

PRECISA - SE

MAQUETISTA-DESENHADOR — Com grande experiência profissional, estágio no estrangeiro, para se dedicar exclusivamente a fazer uma placa de sinalização, com a inscrição de AERO CLUBE.

DELEGADA DE PROPAGANDA MÉDICA — Para propaganda directa do novo produto que os cientistas descobriram, como altamente benéfico para a saúde: o beijo.

CANALIZADORES — Devidamente habilitados, capazes de conseguirem canalizar as atenções da Cêpê para os problemas do caminho de ferro, nesta cidade.

CHEFE DE FABRICAÇÃO — Com conhecimentos profundos, de molde a elaborar um plano para fabricação imediata, e em massa, de bom senso, indispensável aos adeptos do futebol espinhense.

AJUDANTES DE CORTE — Com grande prática, para entrada imediata, excelente ambiente de trabalho, nas mesas de alguns cafés cá do burgo.

ARQUIVISTA — De grande competência, para organizar e ordenar devidamente o grande arquivo das promessas que se fazem e não se cumprem, ficando a monte.

MOLDADOR — De comprovada idoneidade profissional, para fazer um molde perfeito da ideia de que a próxima concessão da zona do jogo local deve beneficiar, finalmente, esta terra.

AFINADORES — Com larga experiência no seu trabalho, metuculo e com bastante técnica, para afinarem o trânsito automóvel em Espinho.

MAESTRO — De reconhecida autoridade musical, para conduzir a grande orquestra dos «claxons» dos automóveis, na sinfonia incompleta das buzinelas.

TÉCNICO DE CONTAS — Devidamente diplomado, para, em curto prazo de tempo, fazer as contas sobre a duração da nossa praia.

CINEMA

OS FILMES DA SEMANA

O Baile dos Bombeiros

de Milos Forman

Depois de termos visto (cá em Espinho, há já algum tempo) duas obras de M. Forman: uma (Os Amores de uma Loira) anterior a esta, que se vai apresentar e outra (Os Amores de uma Adolescente) posterior — uma (a 1.^a) realizada ainda na Checoslováquia (país de origem do realizador), outra (a 2.^a) realizada no E.U. (país para onde imigrou e onde se mantém) tudo nos leva a crer que esta sua obra tenha alguns motivos de interesse e mereça ser vista com espírito aberto e crítico.

Deste filme, que foi o último que realizou na Checoslováquia e que causou polémica, disse Forman: «O Baile dos Bombeiros», não foi feito contra os bombeiros nem a favor deles. Os uniformes não desempenham no filme qualquer papel especial. Aliás, todos nós somos verdadeiros actores, com o nosso egoísmo, a nossa fraqueza, os nossos ridículos...».

Aproveitando a exibição deste filme, pertencente a uma cinematografia quase que desconhecida entre nós, transcrevo de L'Avant-Scène du Cinéma, n.º 60:

O Cinema Checoslovaco.
(...) O cinema checoslovaco é um dos mais antigos do mundo, tendo sido

os primeiros filmes checos — assinados pelo fotógrafo Jan Krizenecky — projectados em 1898 e tendo surgido as primeiras sociedades de produção no princípio do século. No entanto, o seu período de franco desenvolvimento só terá início depois da queda da monarquia austro-húngara, quando, em 1918, foi criada a primeira república checoslovaca. Durante os anos que antecederam a segunda guerra mundial, o cinema checo produziu uma média de trinta filmes por ano. Alguns desses filmes tornaram-se «clássicos», como é o caso de «Éxtase» de Gustav Machaty ou «Le Jeune Amour» de Josef Kovensky.

Em 1945, depois da Libertação, o cinema checo foi nacionalizado e parecia ter à sua frente um magnífico futuro. Poucados pela guerra e modernizados pelos alemães que frequentemente iam filmar, os estúdios de Barrandov, perto de Praga, permitiam aos cineastas começar ou continuar as suas actividades. Depois de inícios en-

(Continua na pág. 6)



BANDA DESENHADA UM MEIO DE COMUNICAÇÃO

O QUE SIGNIFICARÁ BANDA DESENHADA?

Actualmente os termos banda desenhada ou histórias aos quadrinhos estão bastante em voga, indicando um meio de comunicação que através do texto e imagens chegam às mãos das pessoas, reflectindo aspectos da sociedade em que se vive, influenciando o público positiva ou negativamente consoante o ponto de vista onde nos queiramos situar.

Através duma história reflectem-se conceitos e costumes, ideologias, modos de viver. As pessoas são influenciadas pelo comportamento do seu herói favorito, pelas ideias que o autor exprime, conseguindo a banda desenhada motivar a atenção de milhares de indivíduos que se debruçam sobre ela tentando descobrir os reflexos de toda uma sociedade que nos cerca. Por meio das histórias publicadas periodicamente em jornais ou revistas refugiamos-nos em novos mundos, em novos ambientes tentando quebrar a monotonia quotidiana que nos cerca. Esta fuga ao real tem um aspecto duplamente positivo e negativo, levando-nos por um lado a exercitar a nossa imaginação, a viver episódios em lugares o mais burlescos e

irreais possíveis, a dar largas à nossa vontade de rir, de chorar, de visitar uma aldeia índia ou um planeta doutra galáxia. Por outro lado se nos for apresentado um mundo cor-de-rosa onde tudo é fácil, onde amar e ser respeitado é algo do dia-a-dia, onde derrotar um grupo de foras-da-lei é algo banal, poderemos ser deixados levar por essa onda poética e por vezes mal intencionada e esquecermo-nos dos problemas do nosso mundo. Tudo isto depende da maneira como o autor nos apresenta a sua história e consoante os ideais que esta permite inculcar.

Por todas estas razões até agora apontadas é que pretendemos que as pessoas do nosso meio (que nos parecem alheias a tal movimento) vejam que a banda desenhada não é um mero divertimento para crianças, depreciativo e banal.

Iremos tentar, dentro das nossas limitadas possibilidades, falar-vos de técnicas, de autores, de personagens, dar-vos um pouco de história sobre a evolução da B.D., sobre os seus objectivos, etc.

BANDA DESENHADA

ORIENTAÇÃO DE MORAIS GAIO
E ADRIANO CARDOSO

O que é a banda desenhada?

«É o pôr em cena, por meio dum conjunto de relações, imagens (textos caracterizados pela utilização original de balões), duma história donde se reteve os elementos mais espectaculares».

(Pierre Fresnault-Deruelle
in «Dessins et Bulles»)

(... é a única arte que permite reconstituir o Inferno de Dante no planeta Marte como uma figuração e cenários tão grandiosos que os custos de produção ou a impotência da técnica nunca o permitiriam no cinema».

(Francis-Lacassin)

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO